

Criança, maior vítima da raiva

Há alguns meses, um vira-lata entrou no pátio de uma escola norte-americana. Mais de cem crianças o acariciaram e brincaram com ele. Uma semana depois, o cachorro morreu, em coma; o exame dos tecidos cerebrais revelou que estava raivoso.

Vinte crianças tiveram de submeter-se a uma dolorosa e potencialmente perigosa série de injeções anti-rábicas. Duas delas foram mordidas pelo cão, outras duas arranhadas, uma beijou o cachorro perto da boca, quatro tinham ferimentos que foram lambidos e onze tinham pequenos ferimentos que podiam ter estado em contacto com a saliva do animal.

Nenhuma das crianças adquiriu a terrível doença, mas quatro apresentaram forte reação à vacina. Há um mês, foi licenciada nos EUA uma nova vacina anti-rábica, menos perigosa e que requer menor número de doses. Mas tudo isso poderia ser evitado se os responsáveis pela escola tivessem chamado o serviço de controle animal logo que o cão apareceu, e se as crianças fossem instruídas a não se aproximar de animais vadios.

Atualmente, ocorrem poucos casos de raiva humana, contraída de cães e gatos domésticos, e, por isso, muita gente deixa de se preocupar com a doença, quase sempre fatal. De cerca de 40 milhões de cães nos Estados Unidos, só uns 40% estão corretamente imunizados contra a raiva e a proporção de gatos domésticos vacinados é ainda menor. Muitas pessoas, mordidas ou arranhadas por um cão ou gato não-vacinado, não tomam as medidas adequadas para proteger sua própria saúde e a de outros.

Entretanto, no ano passado, pelo menos cinco americanos morreram de raiva e 25.000 tiveram de tomar a série de injeções por terem ficado expostos a animais potencialmente raivosos. De acordo com o Centro Federal de Controle de Doenças, foram informados, no ano passado, 196 casos de raiva em cães e 156 em gatos, representando um aumento substancial em relação aos casos informados em 1978.

Ao mesmo tempo, aumentaram consideravelmente os casos de raiva em animais selvagens, especialmente gambás e morcegos. Esses casos representaram cerca de 70% dos mais de 5.000 casos verificados em animais e seres humanos, no ano passado. Os animais selvagens podem infectar cães e gatos domésticos em áreas rurais e suburbanas, além das pessoas que se aventuram pelos campos ou matas.

No estágio inicial da doença, um animal selvagem infectado pode perder o medo e comportar-se "amigavelmente" com as pessoas. Brincar, alimentar ou tentar capturar um animal desses pode ser extremamente perigoso. Além disso, há gente que não percebe o perigo de tentar domesticar animais selvagens, inclusive gambás.

No ano passado, houve casos de raiva em todos os Estados norte-

americanos, com exceção do Havaí, e houve mais de cem casos em cada um destes Estados: Texas, Califórnia, Geórgia, Arkansas, Missouri, Oklahoma, Illinois, Iowa, South Carolina, Minnesota, South Dakota, Kentucky, Kansas, Wisconsin e Tennessee.

Mas o aumento é mundial. A Europa está lutando com uma epidemia de raiva em raposas. A doença está sendo espalhada por morcegos e pelo gado infectado na América Central e do Sul, por gambás no Canadá, por cães vadios na Ásia e por macacos na África.

A raiva é causada por um vírus que ataca o sistema nervoso central. O vírus pode penetrar no organismo por meio de uma mordida, ou ao contacto da saliva do animal infectado com um arranhão, corte, esfoladura ou membrana mucosa da vítima. Em casos muito raros, o vírus pode ser adquirido pela inalação de ar infectado (por exemplo, numa caverna fechada onde haja morcegos raivosos).

Existem duas formas de raiva: a excitada ou furiosa e a paralisante. A raiva paralisante, muitas vezes, não é diagnosticada corretamente, mas a forma excitada é muito mais comum.

Os sintomas da forma furiosa abrangem mudanças na personalidade e comportamento, rouquidão, convulsões, salivação excessiva, medo de água (daí o nome hidrofobia), por causa dos espasmos dolorosos dos músculos usados para engolir e respirar, e, finalmente, a morte.

A forma paralisante manifesta-se por febre alta, mal-estar, dor de cabeça, vômitos, dores na área da mordida, fraqueza e tontura; segue-se depois a paralisia e a morte.

Depois do aparecimento dos sinto-



Na saliva do cão, o vírus

mas, a morte é praticamente certa. Só foram registrados três casos de pessoas que sobreviveram à raiva. Por isso, é muito importante saber o que fazer quando se ficou exposto a um animal raivoso ou potencialmente raivoso.

Para decidir sobre a necessidade de vacinação, deve-se levar em conta o tipo de contacto e o animal em questão.

Define-se como possível exposição à raiva uma mordida de animal que penetre na pele (havendo ou não sangramento), ou qualquer contacto da saliva do animal com algum arranhão, esfoladura, ferida ou membrana mucosa da pessoa. Acariciar um animal raivoso não é considerado perigoso.

Animais selvagens carnívoros — gambás, raposas, coiotes — e morcegos são, muitas vezes, raivosos. A menos que o animal seja examinado, afastando-se a possibilidade de raiva, a imunização deve ser iniciada imediatamente. É raro que coelhos e roedores tenham raiva, mas às vezes o gado pode contrair a doença.

Se o animal for um cão ou gato vadio deve ser morto imediatamente, a fim de examinar o tecido cerebral. Se for um cão ou gato doméstico, aparentemente saudável, deve ser isolado (num canil bem seguro, pois um animal raivoso tentará fugir), mantido em observação por dez dias e examinado por um veterinário. Se, durante esse período, surgir algum sintoma da doença, o animal deve ser morto e o cérebro examinado.

A imunização da vítima humana deve ser iniciada logo que se verifique a doença no animal. Se o animal estiver com aparência saudável por ocasião da mordida ou contacto, considera-se segura uma espera de dez dias. Se o animal não puder ser localizado, um médico poderá decidir se é o caso de proceder à vacinação.

O tipo de ataque também é importante. Se o animal morder sem ser provocado, é mais provável que esteja raivoso. Mas é preciso levar em conta que atitudes aparentemente inocentes, como alimentar ou acariciar o animal, podem ser vistas como provocação.

Para ajudar na prevenção da raiva, qualquer mordida de animal deve ser imediatamente lavada com água e sabão; algumas vezes, pode ser necessária uma injeção antitetânica e antibióticos.

A prevenção da raiva exige também algumas medidas simples;

— Se tiver um cão ou gato em casa, cuide de vaciná-lo contra raiva e de manter a vacinação em dia. A primeira imunização pode ser feita por volta de três meses e repetida com um ano de idade; a partir daí, deve ser aplicada anualmente ou a cada três anos, dependendo do tipo de vacina.

— Ensine as crianças a não mexerem em animais vadios ou selvagens. Para capturar um animal vadio, chame a "carrocinha" — não se exponha pessoalmente. Não tente tratar de um animal selvagem que esteja ferido.

— Não mantenha animais selvagens em casa.

(Jane Brody)